



# PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

## Entrevista com Dra. Esther Vilela – Redução da mortalidade materna

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que o Brasil está entre os países latino-americanos que conquistaram avanços significativos na redução da mortalidade materna, quer dizer, mortes relacionadas à gravidez ou parto. Apesar da redução, esse ainda é um problema grave e frequente no Brasil. Para conversar um pouco mais sobre a mortalidade materna, nossa entrevista é com a dra. Esther Vilela, especialista em Ginecologia e Obstetria e coordenadora da Política da Mulher do Ministério da Saúde.



### Dra. Esther, o que caracteriza uma morte materna?

A morte materna é a morte de mulheres que ocorre no período da gravidez, do parto e do pós-parto, decorrente de uma gravidez.

### Quais são as causas mais frequentes da morte materna no Brasil?

As três causas principais de morte materna estão relacionadas à hipertensão, pressão alta durante a gravidez; à hemorragia tanto na gravidez, como no momento do parto ou pós-parto; e a infecção, decorrente de uma infecção urinária ou pode ser outro tipo de infecção, inclusive a infecção no pós-parto.

### De que modo essas mortes podem ser evitadas?

Temos que lembrar que a morte materna é considerada evitável em 92% dos casos, ou seja, se tivesse sido feita alguma coisa, essa mulher provavelmente não teria morrido. Podemos separar essas ações em ações da atenção básica e ações do componente hospitalar. Na atenção básica, falamos muito de três questões, uma é a questão do pré-natal precoce. Uma mulher, logo que descobre que está grávida, que procure um serviço, uma Unidade Básica de Saúde mais próxima, para iniciar já o acompanhamento do pré-natal; fazer os exames precocemente, para receber

orientações e já ir se fortalecendo para a questão do parto. Nós estamos vendo, hoje, o abuso das cesarianas e até a falta de informação das mulheres achando que a cesariana é a melhor opção, e que não é. Temos que fortalecer essa questão das vantagens do parto normal e da amamentação para as mulheres durante o pré-natal.

## O que é preciso impulsionar para conseguir reduzir ao máximo a mortalidade materna?

Nesses três últimos anos, a Rede Cegonha, o Ministério da Saúde e o Governo Federal vêm investindo junto aos Estados e Municípios para melhorar tanto a ambiência das maternidades, quer dizer ampliar leitos, qualificar o espaço do parto para deixar mais acolhedor, mais confortável para as mulheres, que elas possam entrar com acompanhante. Sabemos que o acompanhante é um grande fator para reduzir a mortalidade materna. Existe todo o investimento hoje da Rede Cegonha para melhorar o atendimento das mulheres nos hospitais, criando o centro de parto normal; casas de gestantes, bebês e puérpera, que é aquela casa que fica perto do hospital para as mulheres de alto risco, que não precisam estar internadas, mas também não podem ficar em casa. Elas têm que estar pertinho para se caso acontecer alguma coisa, elas já estão lá ao olhar da vigilância e ao cuidado das equipes de saúde.

## Que ações preventivas a comunidade pode realizar?

Estamos organizando em cada cidade o que a gente chama de "Fórum Perinatal Rede Cegonha". É um espaço coletivo onde os secretários de saúde, os diretores da maternidade, os técnicos da atenção básica, as mulheres e a comunidade em si, podem participar desse debate, olhando quais são os desafios daquela realidade, que são diferentes para cada lugar. Sabemos que tem um lugar, por exemplo, que as mulheres morrem porque têm uma dificuldade de encontrar um profissional qualificado para assistir o parto. Um lugar onde não tem profissional a semana inteira para atender as mulheres durante o parto e é muito longe para poder procurar um outro serviço, ou tem alguns lugares onde o problema está na atenção básica, onde as mulheres não têm acesso ao pré-natal, os exames demoram demais e chegam só depois que a mulher já teve o bebê. Tem outros que as mulheres têm problema da veiculação, elas peregrinam de hospital em hospital atrás de uma vaga. Quer dizer, cada realidade, cada local tem um problema e a gente precisa olhar para esse problema. Ninguém melhor que a comunidade, que as mulheres que estão lá vivendo na pele essa realidade, para dizer "olha o nosso problema aqui é esse" e a partir desse problema conseguir pensar em soluções.

## Na sua opinião, o que cada gestante pode fazer?

Eu acho que as mulheres precisam saber dos seus direitos enquanto gestantes. Nós vamos lançar agora a ["caderneta da gestante"](#) que tem muitas informações sobre os direitos, sobre o que é um pré-natal de qualidade para que ela possa, de posse disso, ser um agente de mudança da sua realidade, dos serviços de saúde onde ela frequenta, para que melhore esse serviço. Se esse serviço não está bom, que ela não fique calada,

que ela possa junto com outras mulheres discutir o que seria melhor para ela e para as outras dentro do serviço de saúde, porque o SUS somos nós.

## Alguma orientação sobre esse tema para os líderes da Pastoral da Criança?

A todos os líderes da Pastoral da Criança que trabalharam e trabalham tanto com aleitamento materno, o que nós precisamos é enfrentar uma outra epidemia que agora chama-se "abuso de cesariana", quer dizer, o número de cesarianas vem crescendo no Brasil. Que nós possamos nos capacitar para que a gente sensibilize as comunidades sobre a questão do valor e da importância do parto normal para a mulher e para o bebê.

Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.  
Programa de Rádio 1182 - 26/05/2014 - Mortalidade Materna